

A minha carteira

Uma chaga

O alcoolismo é ainda, infelizmente, uma das chagas mais perniciosas da classe operaria, o que não quer dizer que lhe seja propria e exclusiva. Constitue um perigo que é preciso combater. Determinando lesões graves do estomago, pulmões e fígado, perturbações nervosas intensas, e até alterações cerebrais, não só debilita os organismos tornando-os aptos para cairem aos primeiros embates das diversas infecções, mas ainda produz consequências sociais: na familia, pela desventura dos filhos que os alcoolicos lançam ao mundo com a sobrecarga morbida da sua intoxicação; na colectividade, pelo mal que os mesmos alcoolicos lhe inoculam, entregando-lhe essas crianças taradas.

A luta contra semelhante chaga é antiquissima, por ventura contemporanea dos primeiros observadores da embriaguez. Em todo o caso é ao medico sueco, Magnus Huss, em meados do seculo XIX que cabe a gloria de o estudar nos seus verdadeiros termos, no terreno social. O alcoolismo é, de facto, inseparavel do pauperismo. Entre as causas principais que impelem os homens para o alcool, convem citar: a insuficiencia da alimentação, o meio social e a insalubridade da habitação. O problema do alcoolismo, pois, não pode ser separado das outras questões sociais.

Presentemente reclamam-se medidas do alto contra o uso do absinto em Paris e em Lourenço Marques. A proposito da campanha na primeira destas cidades, com razão escreve Louis Grandidier: — «A luta contra o alcoolismo não é uma questão de decretos, de ordenanças, nem de leis. Ha a fazer sobre esse ponto uma completa educação nas massas populares. E essa educação não se decretará, nem poderá codificar-se. Deve ser feita livremente, voluntariamente. E as organizações operarias têm todas as qualidades para se encarregarem dela».

A gorgeta

Esta velha costumeira, imoral, viciosa e humilhante, por qualquer aspecto que a encaremos, não constituirá uma questão de interesse geral? Creio que sim. Lá fora existem sociedades de propaganda contra as gorgetas e a acção destas colectividades, auxiliada pela imprensa, alguns resultados tem conseguido. Em Madrid e em algumas outras capitais, por exemplo, abundam as barbearias que ostentam o letreiro: — Não se aceitam gorgetas. E nos Estados Unidos, ha coisa de seis meses, a Assembleia legislativa do Estado da California promulgou uma lei suprimindo as gorgetas ou propinas. Pode sustentar-se que semelhante lei é, como a maior parte das suas irmãs, violenta e despotica; mas não de convir em que, como alguém já disse, mais equidade haveria para todos, se as gratificações fossem abolidas e os salarios sujeitos a uma revisão em harmonia com a justiça.

A mica

Este mineral é conhecido ha muitos seculos, não sendo mais que um silicato de alumina e de potassa, de cor escura, verde, preta, branca como a prata ou amarela como o ouro, segundo os sais metalicos que lhe estão incorporados, e que é principalmente caracterizado pela propriedade, que lhe é particular, de se dividir em laminas delgadas, elasticas e transparentes.

Ha poucos anos ainda, quasi ninguém se ocupava da mica, pela simples razão de não ser conhecida a applicação que se lhe podia dar, e não ser como substituta do vidro, e isso mesmo com desvantagem. Porém, a electricidade, que de um modo extraordinario se desenvolveu nestes ultimos trinta anos, veio mostrar que as propriedades isoladoras da mica não tem rival, nem hoje são substituidas por nenhum outro produto.

Actualmente, muitos milhares de pessoas se ocupam da manipulação da mica, em todo o mundo. Só o Canada — dizia ha tempos um jornal — exporta anualmente meio milhão de kilos.

Leitores

Colhido em um velho jornal:

«Ha quatro especies de leitores: — A primeira parece-se com uma ampulheta; a sua leitura é a areia que corre sem deixar vestigios; — A segunda parece-se com uma esponja que de tudo se embebe e que tudo torna a restituir quasi no mesmo estado, só com a diferença de ser mais sujo; — A terceira é como um filtrador, que deixa passar o que é bom e puro, e conserva só a espuma e as fezes: — A quarta é semelhante ao escravo que trabalha nas minas de Golconda; deita fora o que não tem valor, e não guarda senão os diamantes.»

Um magico.

NOTAS LIGEIRAS

Aceitar a guerra defensiva o mesmo é que aceitar toda a guerra, porque é sempre facil aos governantes de um estado distribuir ao outro o papel de agressor, dizem. Nem sempre. A Belgica entrou na guerra actual, sem nenhuma dúvida, para se defender dos que abriram passagem pelo seu territorio para invadirem um estado vizinho.

O exercito regular que marcha contra o imperialismo, é um instrumento, mais ou menos perfeito, de um combate agradável... aos inimigos do mesmo imperialismo. Por isso estes praticarão, quando menos, nma loucura, se concorrerem para se inutilisar esse instrumento.

Esmagar a França! Esmagar a Alemanha! São expressões que surpreendem na boca de libertarios. O que eles devem desejar não é que um povo desapareça sob a pata de outro, é que ne nhum impeça a vida pacifica dos outros.

Que não; que não é uma guerra entre a reacção e a liberdade. Não será. Mas como se explica então que em todos os paises neutrais ou assim intitulados, os reaccionarios e conservadores sejam pela Alemanha e os liberais e democratas sejam pelos aliados?

Qualquer.

OPINIÕES FIRMES

No jornal reaccionario *Echo de Paris* de 19 de julho, em seguida á morte do arquiduque herdeiro da Austria, liam-se estas palavras:

«Não sei se alguma vez, alma humana, cristã e real, vibrou mais nobremente, sob os golpes repetidos da desgraça. Sente-se que, penetrando nesta alma, até ás suas maiores profundidades, a dôr não pode encontrar camada alguma, onde a harmonia entre o homem, o cristão, o imperador e o rei, não seja completa».

Era isto, entre outras coisas semelhantes, escrito por um sr. Junius, a proposito do imperador Francisco José.

Rebenta a guerra, e o mesmo sr. Junius, no mesmo *Echo de Paris*, escreve o seguinte, do mesmo imperador, entre outras coisas da mesma especie:

«Mau esposo, emporalhou o proprio lar e deixou andar errante, pela Europa, inconsolavel, a imperatriz Izabel, essa nobre dama que devia morrer ás mãos do assassino Lucheni.

Mau pae, impeliu para o de boche e depois para o suicidio o seu unico filho, o arquiduque Rodolfo.

Mau soldado, não arriscou a pele em nenhuma das guerras a que arrastou o seu povo. Esperava tremendo, atraz das paredes de Burg, a noticia sempre renovada, das suas derrotas».

A imprensa burgueza, bem pensante, patriotica e cristã... é isto!

A boa propaganda

Na revista holandeza *Vry en Vroon*, a menina J. Mosel, publica a seguinte narrativa:

«Dirigia-me de Edimburgo para Londres. No compartimento ia uma pequenita de dez annos com a governanta e um rapaz silencioso. A creança cantava o *God Save de King* e balbuciava injurias contra os alemães, repetindo é claro, apenas o que ouvia nos ultimos dias por toda a parte.

Então, em voz baixa, fallei-lhe da pequena Hollanda neutral, da minha compaixão pelos belgas e por todos que sofrem, o meu horror pela guerra e o desejo de que todas as creanças, depois de crescidas, servissem a causa da paz. A governanta dormia...

Chegados a Londres, o rapaz que durante o trajecto não proferira uma palavra, olhou para mim e eu vi-lhe os olhos marejados de lagrimas.

«Sou alemão, disse-me, e vou para a guerra. Mas odeio-a tanto como vós e sei que milhares dos meus compatriotas a detestam tambem. Abençoadas palavras as que disse áquella creança!»

Expediente

As pessoas a quem enviamos este numero e não queiram assinar o **Germinal**, farão o favor de devolvê-lo, para o que basta lançá-lo na caixa do correio, escrevendo na respectiva cinta: **Devolvido á administração.**

O *Germinal* é enviado a todos os nossos amigos e camaradas que pagaram os suas quotas para a publicação do diario; aqueles que não queiram assina-lo e desejem levantar as quantias entregues, farão o favor de devolver os exemplares recebidos e dirigirem-se á nossa séde para receberem as respectivas importancias.

Em proveito do "Germinal"

Encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

A Anarquia, por E. Malatesta (2. ^a edição) ..	5 cent.
Le Salariat, por P. Kropotkine	2 "
Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave	2 "
Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot	2 "

Biblioteca d'«A Sementeira»

A social democracia na Alemanha, G. Laudauer ..	2 ct.
O governo revolucionario, P. Kropotkine ..	2 »
A Confederação do Trabalho, P. Delessalle ..	2 »
Aos camponeses, R. Mella ..	2 »
Os bastidores das guerras, P. Kropotkine ..	2 »
Teatro livre e arte social, E. Silva ..	2 »
A Guerra, os financeiros e a politica, Delaizi ..	5 »
O dia de oito horas, C. G. do Trabalho ..	2 »
Semeando para colher, C. Dias ..	2 »
O rei e o anarquista, Libertas ..	3 »
Catecismo ateu, B. Betencourt ..	3 »
Programa socialista anarquista, E. Malatesta ..	3 »
Fado livre racional, Sezuirosa ..	5 »
Coeducación, L. D'Ore ..	4 »
Um seculo de expectativa, P. Kropotkine ..	5 »
O espirito revolucionario, P. Kropotkine ..	5 »
A Anarquia, E. Malatesta ..	5 »
A's mulheres, J. Prat ..	5 »
A Canalha, Um de nós ..	15 »
Em ruínas (teatro), E. Silva ..	15 »
Evolução e Revolução, E. Reclus ..	40 »
Almanaque d'«A Aurora», para 1913 ..	5 »

Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e feitos á

Sementeira

Cais do Sodré, 88 — Lisboa-Portugal